

Estigma e discriminação no contexto de mulheres vivendo com HIV/Aids em Porto Alegre

Cristiane dos Santos Machado (bolsista BIC UFRGS), Daniela Knauth (orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia – UFRGS



Introdução:

- A infecção pelo HIV continua carregada de estigma e discriminação.
- Existe uma associação de atributos morais negativos com os portadores do vírus, com implicações tanto para a prevenção como para o controle da epidemia.
- Estigma e discriminação resultam de condições e interações sociais e estruturais amplas que decorrem da articulação entre eixos de desigualdades, tais como classe social, gênero, geração, raça, cor, etnia, cujo reconhecimento é importante para o enfrentamento dessa epidemia e diminuição da vulnerabilidade.

Objetivo:

- Compreender o estigma e as manifestações de discriminação produzidos pelo diagnóstico de HIV em mulheres que vivem com HIV/Aids.

Metodologia:

- Pesquisa qualitativa, com o privilégio da técnica de entrevista semiestruturada.
- Entrevistadas 20 mulheres vivendo com HIV/Aids
- Seleção ocorreu a partir de um estudo quantitativo anterior realizado com usuárias de serviços públicos especializados no atendimento do HIV/Aids em Porto Alegre.
- As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os dados foram categorizados no programa MAXQDA.
- O projeto foi aprovado pelo comitê de ética da UFRGS e demais instituições envolvidas.

Resultados:

- As entrevistadas referem diferentes manifestações de discriminação relacionadas ao diagnóstico de HIV. Estas manifestações vão desde aquelas produzidas no âmbito dos serviços de saúde, até aquelas que se localizam na esfera familiar.

“E quando a minha família por parte da minha mãe descobriu que eu tinha esse problema, separam prato, separam talher, ai fizeram uma novela, assim das 9”

“Enfermeira no Centro Obstétrico: ““Tu não sabe que tu não pode tá botando filho no mundo?”, bem assim. “Nasce estragado, depois morre; depois fica chorando ai, oh”, bem assim pra mim. Ai, eu chorei tanto, tanto, tanto, tanto.”

- A principal estratégia utilizada pelas mulheres para minimizar o impacto do diagnóstico sobre suas relações sociais é a gestão sobre sua revelação.

“[...] como eu acho que oficialmente ninguém sabe que eu tenho, sabem assim, de boca, né, então, talvez isso contribuiu para não ter tanto preconceito.”

- O diagnóstico é revelado, quando possível, apenas para algumas pessoas próximas (como mãe, filhos, irmão e companheiro, em algumas situações).

“ Não, nenhum deles (dos filhos) sabe. Só quem sabe é minha mãe, minha vó e essa minha amiga”

- Há ainda a adoção de estratégias que visam facilitar esta revelação, particularmente no caso de um parceiro de relacionamento afetivo-sexual. De acordo com os dados, a família de origem da entrevistada é a principal rede de suporte para o enfrentamento da doença

Conclusão:

- Os dados sugerem que a Aids/HIV se mantém uma doença que produz estigma e discriminação, mesmo em contextos onde se esperaria um melhor acolhimento, como na família dos portadores do vírus e nos serviços de saúde, por exemplo.
- Apesar de haver um maior entendimento da doença, ainda são necessárias intervenções a fim de diminuir a discriminação e o estigma que permanecem.

Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Edital MCT/CNPq N.º 14/2009 – Universal)
CEP UFRGS N. 2008216

